

# JEAN-FRANÇOIS LYOTARD E A CONDIÇÃO PÓS-MODERNA: PERSPECTIVAS PARA OS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

Raimundo Rajobac<sup>1</sup>

Simone Romani<sup>2</sup>

**Resumo:** Vivemos numa sociedade determinada em todas as suas dimensões pelos avanços científicos e tecnológicos. Estabelece-se um modo relacional e dinâmico entre os seres humanos, no qual as novas tecnologias ocupam lugar nuclear. A educação vê-se cada vez mais desafiada a dialogar com esse novo cenário, lançando mão dessas novas ferramentas para contribuir com os processos formativos. A pós-modernidade é um estado paradigmático da cultura que determina, via novas tecnologias, a formação dos sujeitos. O objetivo do presente artigo é pensar o papel das novas tecnologias no contexto educacional como uma questão fundamental, uma vez que o ser humano se encontra envolvido e determinado em sua totalidade por tal contexto. Para tanto, servimo-nos do diagnóstico sobre a condição pós-modernidade de Lyotard para, em seguida, refletir sobre os desafios para a pedagogia na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Lyotard, Educação, Tecnologia, Pós-Modernidade.

**Abstract:** We live in a society influenced by scientific and technological advances. Human relations are mediated by new technologies. Education needs to dialogue with this new scenario. New tools must be used for educational processes and contribute to the preparation processes. Postmodernism is a state of culture and determines the formation of subjects: new technologies are the core of this process. The objective of this article is to reflect the role of new technologies in the educational context as a fundamental element. The new technology involves the human being in its entirety. Therefore, the concept of post-modernity of Lyotard is essential to reflect the challenges for pedagogy today.

**Keywords:** Lyotard, Education, Technology, Post-Modernity.

---

<sup>1</sup> Professor efetivo no Departamento de Música da UFRGS. Mestre em Educação pela UPF e Doutorando em Educação pela PUCRS. Graduado em Filosofia (URI/UPF), Teologia (ITEPA), Música (UPF).

<sup>2</sup> Mestre em educação PPGEDU da Universidade de Passo Fundo - UPF (2010) integrando a linha de pesquisa Fundamentos da Educação. Participante do Núcleo de Pesquisa em Filosofia e Educação (NUPEFE-UPF), Racionalidade e Formação (PUC-RS) e Iluminismo e Pedagogia (UPF). Possui licenciatura em Educação Física pela Universidade de Passo Fundo (1999) e especialização em treinamento personalizado pela mesma instituição (2002).

## 1 JEAN-FRANÇOIS LYOTARD E A CONDIÇÃO PÓS-MODERNA

O objetivo deste trabalho é lançar um olhar sobre as perspectivas para os fundamentos da educação, a partir da reflexão sobre a condição pós-moderna<sup>3</sup> desencadeada pelo filósofo Jean-François Lyotard. É bastante comum em nossa época refletir sobre o papel das novas tecnologias no contexto educacional no âmbito das linguagens. Assim, parece-nos importante destacar que, ao se estabelecer como linguagem, o universo cibernético-informacional acaba determinando o ser humano e seu modo de ser no mundo: a própria linguagem é determinada por tal contexto. Essa condição justifica a necessidade de tratar do papel das novas tecnologias no contexto educacional na linha dos fundamentos da educação, uma vez que, ao questionar o papel das novas tecnologias enquanto linguagem no contexto educacional, indaga-se, simultaneamente, a respeito da condição existencial do ser humano, bem como, o que o caracteriza no contexto da sociedade pós-moderna.

Daí a produtividade do diagnóstico lyotardiano sobre a condição pós-moderna, o qual aponta, entre outros aspectos, para uma nova condição paradigmática da cultura ocidental. Em tal paradigma se estabelece um novo estatuto para o saber científico, que se diferencia do moderno (universalizante) por se dinamizar na pluralidade dos contextos proporcionados pelas novas tecnologias e linguagens daí emergentes. Ao determinar o modo de o homem ser no mundo e influenciar a totalidade de sua práxis social, o universo cibernético-informacional e as novas tecnologias passam a constituir um problema não só do âmbito das linguagens, mas, sobretudo, do âmbito dos fundamentos da educação, uma vez que tornam o ser humano seu centro propulsor, repondo a todo custo a pergunta sobre a educabilidade dos seres humanos num contexto dinâmico e mutável.

Para desenvolver a reflexão de modo conveniente, apresentamos as principais ideias de Lyotard e, em seguida, sugerimos uma reflexão sobre os desafios da pedagogia na tarefa fundamental de entender a pós-modernidade e o papel das novas tecnologias como dimensão fundamental que influencia determinantemente a educação em todas as suas dimensões. Trabalharemos com a ideia de que pensar relações pedagógicas traz consigo, nessa nova perspectiva, a exigência de um olhar crítico para a cultura (cibernético-informacional) que justifica a condição pós-moderna, o que nos põe constantemente duas perguntas fundamentais: Educar quem e para quê?

A reflexão de Jean-François Lyotard sobre a condição pós-moderna surgiu no momento em que se solidificava na sociedade contemporânea uma cultura técnico-cibernética e informacional. Ao denominar o mundo contemporâneo de “pós-moderno”, o teórico defendeu a incredulidade nos metarrelatos como consequência do progresso das ciências. Dessa forma, acreditamos que refletir

---

<sup>3</sup> As sociedades contemporâneas mais desenvolvidas, chamadas pós-modernas, passaram por grandes transformações a partir do fim do século XIX. Lyotard analisa essas mutações para compreender em que medida o saber, seja científico, seja narrativo, pode ser considerado legítimo. (HUISMAN, 2000, p. 70).

sobre práticas educacionais num contexto pós-moderno significa considerar o avanço científico e a forte influência que as novas tecnologias exercem sobre a sociedade contemporânea, bem como refletir criticamente sobre o universo das novas tecnologias e sua produtividade para planejar processos pedagógicos que visem à formação integral do ser humano.

Somente a partir de 1979, a expressão “pós-moderno” veio a se afirmar, o que não foi consequência do debate explícito na arquitetura europeia, mas, sim, impulsionado pela discussão norte-americana, que delimitou o ponto central na problemática sociológica da sociedade pós-industrial de Etzioni, Touraine, Bell, entre outros (DIEHL, 1997, p. 53). Em meio a esse contexto, surgiu Jean-François Lyotard, exatamente no momento em que explodiam a informática, a telemática, e, de certa forma, pareciam desintegrar-se os grandes blocos do saber ocidental. O teórico denominou o mundo contemporâneo de “mundo pós-moderno” e esclareceu suas pretensões ao afirmar que “considera pós-moderna, a incredulidade em relação aos metarrelatos [...], sem dúvida, um efeito do progresso das ciências” (LYOTARD, 2000, p. xvi).

Em Lyotard, a Pós-Modernidade configura-se como um estado da cultura, posterior às transformações que afetaram não somente as ciências, mas, também, a literatura, as artes e, sobretudo, os paradigmas do conhecimento e a organização da vida no Ocidente. Em vista disso, encontramos na Pós-Modernidade a idade chamada “Pós-Industrial”, que, entre outras coisas, favoreceu o esfacelamento dos paradigmas modernos e a instalação de uma nova maneira de as coisas se estabelecerem. Daí a convicção lyotardiana de que o saber é o grande meio de modificação da sociedade. O pós-moderno, enquanto condição cultural, caracteriza-se pela incredulidade nos metadiscursos e respectivas pretensões universalizantes. Nesse contexto, são postas em relevo as esferas, cibernético-informática e informacional. Assim, a condição pós-moderna legitima-se ao transcender a Modernidade, para estabelecer uma nova síntese do todo que rodeia o ser humano.

A investigação de Lyotard sobre a condição pós-moderna é “um escrito de circunstâncias, [...] uma exposição sobre o saber nas sociedades mais desenvolvidas, proposto ao Conselho das Universidades junto ao Governo de Quebec, a pedido de seu presidente” (LYOTARD, 2000, p. xvii). Após a Segunda Guerra, os avanços tecnológicos passaram a dar novos rumos para o estatuto do saber moderno. Com essas significativas mudanças, a possibilidade de um saber universal (metarrelatos) não encontra mais fundamentação, uma vez que o conhecimento se fragmentou em razão de questões informacionais. Instalou-se, portanto, um novo cenário, ao qual Lyotard denomina “pós-moderno”. O saber informatizado é marca registrada da modernidade, e, para a pedagogia, impõe-se o desafio de pensar os processos formativos em tal contexto.

O mundo da informática e o acesso à cibernética tornaram o saber operacional. Para Lyotard, o saber muda de estatuto, ao mesmo tempo em que as sociedades entram na idade pós-industrial e as culturas, na idade “pós-moderna”. Essa passagem começou desde, pelo menos, o final da década de 1950, marcando para a Europa

o fim da sua reconstrução. Foi mais ou menos rápida em alguns países, conforme os setores de atividade. O saber científico tornou-se uma espécie de discurso. Ora, pode-se dizer que há quarenta anos as ciências e as técnicas ditas de vanguarda versam sobre a linguagem: a fonologia e as teorias linguísticas; os problemas da comunicação e a cibernética; as matemáticas modernas e a informática; os computadores e suas linguagens, os problemas de tradução das linguagens e a busca de compatibilidade entre linguagens e máquinas; os problemas de memorização e os bancos de dados; a telemática e a instalação de terminais ‘inteligentes’; a paradoxologia. Eis aí algumas provas evidentes, e a lista não é exaustiva (2000, p. 3).

A ideia de Lyotard de ciência pós-moderna configura-se justamente na crítica à ciência moderna, inseparável das narrativas legitimadoras: “a emancipação da humanidade do iluminismo; a teologia do espírito no idealismo e a hermenêutica do sentido do historicismo” (DIEHL, 1997, p. 45). É, segundo essa ideia, que o autor fundamenta uma ciência pós-moderna posicionada de forma incrédula em relação às visões logocêntricas. Conforme Diehl, Lyotard trata da questão focalizando-a indiretamente. Ele demonstra, primeiramente, as mudanças internas a que o saber estaria sujeito para, depois, tomar uma posição em relação às novas tecnologias. Até esse momento da discussão – tanto moderno como pós-moderno – o saber tinha forma de unidade e sua origem estava ligada a relatos setoriais, que eram efetivados nas suas formas mais detalhadas, além de ter sua funcionalidade garantida por estar vinculada a uma ideia condutora. No que diz respeito ao pós-moderno, essa situação é contrariamente conhecida. O projeto de unidade dessas narrativas não consegue mais cumprir essa função na sua base de sustentação e não somente da estrutura, mas também na sua forma: o pós-moderno começa onde o “todo” termina, processo que não está presente apenas na esfera do saber, mas, também, no campo da cultura, do político e do social (1997, p. 54).

Os jogos de linguagem de Wittgenstein<sup>4</sup> terão papel importante na maneira como Lyotard procura justificar o nascimento e a emancipação da condição pós-moderna. Os jogos de linguagem caracterizam a segunda fase do pensamento de Wittgenstein (o segundo Wittgenstein), na qual altera radicalmente sua concepção sobre a linguagem. Desse contexto, surge a ideia de jogos de linguagem, da multiplicidade dos usos que fazemos das palavras e possíveis expressões. Com tal ideia, o autor eliminou a possibilidade de uma essência definidora da linguagem enquanto tal. Nesse novo prisma, a linguagem passa a ser considerada, levando-se em conta o uso a partir de várias formas de vida e de vários contextos de comunicação. Diehl atenta muito bem para essa questão, ao trabalhar com a ideia de que, na condição pós-moderna lyotardiana, as formas diferenciadas de vida, os saberes e as ações são entendidas como jogo de linguagem, cuja consistência constitui a

---

<sup>4</sup> Filósofo austríaco (1889 – 1951) viveu grande parte de sua vida na Inglaterra, tendo sido professor na Universidade de Cambridge (1929 – 1947, com algumas interrupções), onde havia anteriormente estudado com Russel e Moore (1912 – 1913). Wittgenstein é um dos fundadores da filosofia analítica e sua obra, extremamente idiossincrática e original, teve grande influência no desenvolvimento dessa corrente filosófica. (JAPIASSÚ, 1989).

própria sociedade. Assim, o privilegiado agora não é a uniformidade, mas o jogo concorrencial. Por outro lado, os jogos de linguagem são incomensuráveis entre si, sendo sempre possível, por isso, a descoberta de novos movimentos de jogos. A tese de Wittgenstein de que a linguagem somente sugere linguagens é reforçada em Lyotard: só existem compreensão e consenso dentro dos jogos de linguagem, nunca além desses, uma vez que é impossível pensar uma metalinguagem que agregue todos os jogos de linguagem, nem mesmo por parte de um narrador que os domine completamente (1997, p. 55).

Pluralidade, heterogeneidade e posições conflitivas são dimensões determinantes no pensamento de Lyotard; por conseguinte, as novas tecnologias ocupam lugar determinante nesse ambiente plural, as quais propiciam jogos diversos de linguagens. Daí a ideia fundamental de que o diálogo crítico e constante entre a pedagogia e o paradigma pós-moderno nos moldes lyotardianos pode contribuir para o estado atual da educação e das sociedades, ambas significativamente influenciadas pelo universo linguístico plural das novas tecnologias.

## **2 PERSPECTIVAS PARA OS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE**

A contribuição da filosofia da educação aos enfrentamentos críticos dos problemas educacionais atuais estrutura-se, precisamente, no ato de lançar mão da tradição e dos pensadores da filosofia. Tal esforço intelectual se efetiva dialogicamente por meio da apropriação reconstrutivo-interpretativa de problemas paradigmático-conceituais da tradição filosófica ocidental em constante tensão com os problemas específicos da educação de nossa época. Daí a importância do diagnóstico lyotardiano da condição pós-moderna, dinâmica, plural, determinada pela esfera cibernética e informacional, para a pedagogia, uma vez que, em nossa época, as novas tecnologias perpassam cada vez mais os processos pedagógicos, determinando, em última instância, até mesmo a relação professor e aluno no contexto da sala de aula.

O século XXI é resultado de um longo processo histórico e de seu pretensioso projeto, iniciado na Modernidade, que veio desembocar no desenvolvimento acelerado da ciência e da técnica e na determinação de tais esferas no conjunto da vida social, portanto, da educação. Ao refletir sobre as perspectivas para os fundamentos da educação com base nas questões apresentadas por Lyotard, devemos, portanto, tomar como aspecto determinante os avanços técnico-científicos e, conseqüentemente, o papel das novas tecnologias no contexto educacional. Isso significa dizer que refletir sobre educação na Pós-Modernidade implica considerar toda a influência que a ciência e a tecnologia exercem sobre a práxis social pós-moderna e os métodos educativos atuais.

Como pensar o ensino e as relações pedagógicas em relação às novas tecnologias? Que problemas surgem ao se tratar dessas questões? Qual o papel da escola, do professor, do aluno, do Estado, das instituições privadas nesse contexto? Como pensar uma escola que favoreça ao aluno o acesso às novas tecnologias de forma adequada? Acreditamos que essas perguntas expressam bem o problema apresentado neste artigo, muito embora este trabalho não chegue a responder a

todas elas. Pensamos que, mesmo nos encontrando numa condição pós-moderna, tanto nossas práticas pedagógicas quanto nossas estruturas de ensino encontram-se, em muitos aspectos, fragilizadas (principalmente a rede pública de ensino) e, em muitos casos, sem as condições necessárias para favorecer um processo educacional que responda às necessidades que surgem a partir de uma sociedade na qual as novas tecnologias têm substancial presença.

Na Pós-Modernidade, a utilização das novas tecnologias exerce forte influência sobre o conjunto da vida social e, no que diz respeito à educação, dá nova “cara” ao ensino. Embora críticas diversas (não nos deteremos aqui em citá-las) recaiam sobre o uso das novas tecnologias nos processos educacionais, precisamos trabalhar com a perspectiva filosófica lyotardiana: existe, com o advento técnico-científico e a extensão de seu braço para as diversas esferas sociais, o estabelecimento de um novo paradigma, o pós-moderno, que rompe com a Modernidade, principalmente, por causa da pluralidade cibernético-tecno-linguística, que põe abaixo as pretensões universalizantes do saber moderno.

Portanto, processos formativo-educacionais determinam-se, conseqüentemente, com base nesse paradigma. Assim, uma vez que nos encontramos numa sociedade pós-moderna, na qual a dimensão cibernético-informacional é determinante, também a escola e as relações pedagógicas devem direcionar-se criticamente para o atendimento dessas questões, desde as mais pessoais até as mais estruturais. Ampliando a crítica, impõe-se saber que se faz necessária uma política educacional que melhore os programas de estudo e que favoreça o acesso às novas tecnologias, as quais surgem como desafio aos professores e apontam novos rumos à prática educativa. Considerando as várias críticas, olhares e ângulos com que é possível abordar as novas tecnologias e seu papel no ensino-aprendizagem, destaca-se como aspecto determinante no cenário pós-moderno, sua introdução sistemática e didaticamente orientada no cotidiano escolar. Daí o desafio: operar de uma nova forma, que diverge em vários aspectos da tradicional em termos de linguagem, escrita e oralidade.

No cenário pós-moderno, opera uma nova linguagem: a linguagem da televisão, da informática e, particularmente, da internet. Estamos em contato direto com uma geração que nasce e se educa no interior de uma cultura digital (nativos digitais). É preciso condições que confirmem estruturas capazes de responder a essas novas necessidades. Os sistemas educacionais são desafiados a avaliar de forma crítica o gigantesco impacto que a comunicação audiovisual e da informática sobre a sociedade contemporânea. Papadopoulos entendeu muito bem essa questão ao considerar que, no que diz respeito à mudança tecnológica, esta prosseguirá em ritmo acelerado; será variável conforme as regiões do mundo, mas repercutirá cada vez mais em todos os aspectos da vida e por toda parte. Em particular, está na origem de reestruturações econômicas, cujas conseqüências sociais costumam ser dolorosas e se agravam numa evolução concomitante às necessidades – mercado de trabalho, empregos ou qualificações – decorrentes da onipresença de tecnologias da informação e do papel preponderante que o setor dos serviços passou a ocupar atualmente na economia. O ensino desempenha aqui um papel de destaque: assegura

e atualiza as competências e as qualificações dos trabalhadores, o que é essencial quando se deseja dispor de uma mão de obra capaz de adaptar-se às mudanças contínuas que resultam do progresso da tecnologia. Essa superabundância de informações nas sociedades pós-modernas, nas quais as mídias são onipresentes, coloca novos problemas para a escola, que não é mais a principal fonte de informação. Assim, a escola terá de aprender a destacar o interesse pedagógico desse novo ambiente e ajudar os alunos a terem discernimento diante da massa de informações que recebem todos os dias (2005, p. 19ss).

Carecemos do rompimento com os moldes tradicionais. Para tanto, a informatização da educação é necessária e determinante nesse contexto, o que significa repensar profundamente os métodos de ensino para reservar ao educando a capacidade de pensar e de movimentar-se autonomamente em relação às novas tecnologias. À escola cabe “retrabalhar as informações, ressignificando-as à luz do contexto em que está inserida, dando abertura às múltiplas possibilidades de crítica, interpretação e compreensão” (BONILLA, 2005, p.71). Assim, a tarefa da pedagogia traduz-se, em sentido lato, em firmar processos pedagógicos críticos dentro de uma sociedade dinâmica, na qual as novas tecnologias moldam visões de mundo e a capacidade dos educandos e educadores de darem respostas a esse novo contexto.

Daí a vinculação de tal temática com a área dos fundamentos da educação, uma vez que discutir o papel das novas tecnologias no contexto pedagógico escolar significa reconhecer a emergência de novos paradigmas (o pós-moderno), novos conceitos, valores e, fundamentalmente, a própria condição humana. Ora, todo processo formativo opera com uma noção de ser humano, e toda educação carrega consigo a preocupação de oferecer as condições formativas para que os seres humanos enfrentem os desafios de sua condição socioexistencial. Dessa forma, os processos educativos devem primar por desenvolver capacidades criativas, críticas e compreensivas dos envolvidos nos processos pedagógicos, como também das instituições responsáveis pelos processos educativos. Nesse sentido, “a escola, em particular, necessita configurar-se como uma comunidade de conhecimento, como uma escola aprendente” (BONILLA, 2005, P. 67), posto que a contemporaneidade exige dinâmicas pedagógicas que não se limitem à transmissão ou disponibilização de informações, inserindo nessas dinâmicas as tecnologias de informação e de comunicação, de forma a reestruturar a organização curricular fechada e as perspectivas conteudistas que a vêm caracterizando. A escola necessita ser um ambiente onde a vasta gama de informações a que os alunos têm acesso seja discutida, analisada e gere novos conhecimentos; onde as tecnologias sejam inseridas como elementos estruturantes de novas práticas, as quais comportem uma organização curricular aberta, flexível, hipertextual. (2005, p. 91). Tais preocupações justificam a necessidade do trato constante com as perspectivas atuais da educação, as quais, seguindo nossa linha de pensamento, estão comprometidas com a condição pós-moderna e a necessidade fundamental de formar seres humanos capazes de desdobrar-se existencialmente nesse contexto.

A condição pós-moderna compõe um cenário marcado pelo científico-cibernético, pelo técnico e informacional. Essas dimensões são determinantes para que se pense os processos educativos e o conjunto da vida social no contexto pós-moderno. Daí a necessidade de se apontarem perspectivas atuais da educação, além da constante pergunta: Educar quem e para quê? Na sociedade pós-moderna, na qual se confirma cada vez mais uma cultura cibernético-informacional, é necessário que as relações pedagógicas e as práticas educacionais se voltem criticamente para o atendimento dessas questões, dando atenção aos mais diversos aspectos, desde os pessoais até os estruturais. Tratar das perspectivas atuais da educação implica, portanto, identificar, discutir e refletir sobre as novas situações que se estabelecem no campo das ideias e das práticas educacionais que caracterizam o momento presente, como, também, abrir possibilidades para o futuro. Pensar educação hoje é considerar o que Hancock entendeu muito bem: o século XX assistiu à invenção e ao desenvolvimento do disco, do rádio, da televisão, da gravação do áudio e do vídeo, do computador e da transmissão de sinais eletrônicos por via hertziana, por cabo e por satélite; a indústria das telecomunicações elaborou sistemas cada vez mais aperfeiçoados de comunicação interpessoal, como telefone, fax, modem. O reconhecimento por parte dos educadores de que as mídias constituem uma parte muito significativa do universo de seus alunos e de que as formas e as técnicas de publicidade que se expressam nas mídias têm o poder de amoldar as preferências estéticas deveria conduzi-los a incorporar essa dimensão ao processo de elaboração de programas escolares (2005, p. 230ss). Dessa forma, uma nova postura significa entender que as novas tecnologias, quando usadas de forma adequada no interior das práticas educacionais, deixam de ser simples instrumentos de consumo, fornecedores de informação, e passam a ser meios de produção de conhecimento e de cultura. A condição pós-moderna lança grandes desafios à educação atual; acreditamos que alimentar novas perspectivas para a educação significa alimentar sempre o desejo e a disposição de refletir sobre o presente e abrir novos horizontes em diálogo constante com a tradição.

## REFERÊNCIAS

BONILLA, M. H. *Escola aprendente: para além da sociedade da Informação*. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

DIEHL, A. A. *Vinho velho em pipa nova: o pós-moderno e o fim da história*. Passo Fundo: Ediupf, 1997.

HUISMAN, D. *Dicionário de obras filosóficas*. Trad. Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HANCOCK, A. A educação e as novas tecnologias da informação e da comunicação. In: DELORS, J. (Org.). *Educação para o século XXI: questões e perspectivas*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LYOTARD, J. -F. *A condição pós-moderna*. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

PAPADOPOULOS, G. S. Aprender para o século XXI. In. DELORS, Jacques (Org.). *Educação para o século XXI: questões e perspectivas*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005.

